



Universidade Federal do Pampa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANT'ANA DO LIVRAMENTO
GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

ROSANGELA DIAS CARVALHO

**ENTRE CUIDADOS E AFETOS: SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO TRABALHO
EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Sant'Ana do Livramento
2025**

ROSANGELA DIAS CARVALHO

**ENTRE CUIDADOS E AFETOS: SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO TRABALHO
EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Administração, da Universidade
Federal do Pampa (UNIPAMPA, RS) como
requisito para obtenção do título de Bacharel
em Administração.

Aprovado em ___ de ___ de 2025:

Prof. Dr. Igor Baptista de Oliveira Medeiros
(Presidente/Orientador)

Prof. Dr. Luiz Edgar Araújo Lima
(Membro da banca)

Prof. Dr. Sebastião Ailton Cerqueira-Adão
(Membro da banca)

**Sant'Ana do Livramento
2025**

ENTRE CUIDADOS E AFETOS: SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO TRABALHO EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA

RESUMO

Esse estudo buscou compreender o sentido e o significado do trabalho de cuidadores de idosos em instituições de longa permanência. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa com método de história oral temática, utilizando observação participante e entrevistas com nove cuidadores de idosos. Os resultados apontam que a trajetória de trabalho desses profissionais se conecta aos sentidos atribuídos ao ato de cuidar, pois o trabalho é compreendido pelos participantes como uma prática de amor, solidariedade e compromisso humano. O vínculo afetivo estabelecido com os idosos é indicado como a principal fonte de satisfação e motivação para a permanência na profissão. O cuidar é percebido como uma missão que proporciona crescimento pessoal, aprendizado e um sentimento de utilidade social. Todavia, os cuidadores também relatam um conjunto de dificuldades que atravessam seu cotidiano laboral. Entre elas, destacam-se a sobrecarga física decorrente da rotina intensa de tarefas; o desgaste emocional, especialmente diante do adoecimento e da perda dos idosos; a falta de reconhecimento institucional; a remuneração insuficiente; e a escassez de equipes completas, que acaba ampliando as multitarefas e elevando o cansaço. Muitos participantes relatam sentir-se “invisíveis” ou pouco valorizados, apesar da responsabilidade e da complexidade do trabalho que realizam.

Palavras-chave: Sentido do trabalho; Significado do trabalho; Cuidadores de idosos; Instituições de longa permanência.

BETWEEN CARE AND AFFECTION: MEANINGS AND SENSES OF WORK IN LONG-TERM CARE INSTITUTIONS

ABSTRACT

This study sought to understand the meaning and significance of the work of caregivers for the elderly in long-term care facilities. To this end, a qualitative research study was conducted using the thematic oral history method, employing observation, participants, and interviews with nine caregivers of the elderly. The results indicate that the work trajectory of these professionals is connected to the meanings attributed to the act of caregiving, as the work is understood by the participants as a practice of love, solidarity, and human commitment. The affective bond established with the elderly is indicated as the main source of satisfaction and motivation for remaining in the profession. Caregiving is perceived as a mission that provides personal growth, learning, and a feeling of social usefulness. However, caregivers also report a set of difficulties that permeate their daily work. Among them, the following stand out: physical overload resulting from the intense routine of tasks; emotional exhaustion, especially in the face of illness and loss of the elderly; lack of institutional recognition; insufficient remuneration; and the scarcity of complete teams, which ends up increasing multitasking and raising fatigue. Many participants report feeling “invisible” or undervalued, despite the responsibility and complexity of the work they perform.

Keywords: Meaning of work; Significance of work; Elderly caregivers; Long-term care facilities.

ENTRE EL CUIDADO Y EL AFECTO: SIGNIFICADOS Y PERCEPCIONES DEL TRABAJO EN INSTITUCIONES DE LARGA ESTANCIA

RESUMEN

Este estudio buscó comprender el significado y la importancia del trabajo de los cuidadores de personas mayores en residencias de larga estancia. Para ello, se realizó una investigación cualitativa mediante el método de historia oral temática, empleando la observación, la participación de los participantes y entrevistas con nueve cuidadores de personas mayores. Los resultados indican que la trayectoria laboral de estos profesionales está vinculada a los significados que atribuyen al acto de cuidar, ya que los participantes entienden el trabajo como una práctica de amor, solidaridad y compromiso humano. El vínculo afectivo establecido con las personas mayores se señala como la principal fuente de satisfacción y motivación para permanecer en la profesión. El cuidado se percibe como una misión que proporciona crecimiento personal, aprendizaje y un sentimiento de utilidad social. Sin embargo, los cuidadores también reportan una serie de dificultades que impregnan su trabajo diario. Entre ellas, destacan: la sobrecarga física derivada de la intensa rutina de tareas; el agotamiento emocional, especialmente ante la enfermedad y la pérdida de las personas mayores; la falta de reconocimiento institucional; la remuneración insuficiente; y la escasez de equipos completos, lo que conlleva un aumento de la multitarea y la fatiga. Muchos participantes manifiestan sentirse “invisibles” o infravalorados, a pesar de la responsabilidad y la complejidad del trabajo que realizan.

Palabras Clave: Sentido del trabajo; Importancia del trabajo; Cuidadores de personas mayores; Residencias de larga estancia.

1. INTRODUÇÃO

O aumento da expectativa de vida é um dos fatores que têm contribuído para o crescimento da população idosa em escala global. No Brasil, esse processo também se evidencia com o avanço do envelhecimento populacional (Queirós et al., 2022), visto que de acordo com dados do Censo Demográfico de 2022, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil registrou mais de 22 milhões de pessoas com 65 anos ou mais, o que representa 10,9% da população (IBGE, 2022).

Esse processo é resultado de avanços na área da saúde, bem como se deve à redução da mortalidade infantil e a queda nas taxas de fecundidade ao longo das últimas décadas. Entretanto, esse envelhecimento, além de alterar a estrutura etária do país igualmente, impõe novas demandas sociais, econômicas e familiares, especialmente no que diz respeito ao cuidado e à assistência de uma população cada vez mais longeva e, em muitos casos, dependente (Chaimowicz et al., 2022).

Diante desse cenário, a senescência populacional brasileira é uma realidade com reflexos diretos sobre o mundo do trabalho, especialmente, nas áreas ligadas ao cuidado, sobretudo, em instituições de longa permanência. Assim, surgem novas e crescentes demandas sociais, entre elas o fortalecimento do sistema de cuidados, sendo responsabilidade do Estado assegurar o acesso a serviços de saúde e assistência adequados, promover uma regulação que garanta o suporte necessário tanto aos idosos quanto àqueles que deles cuidam (Camarano, 1999).

Os profissionais que atuam com essa parcela da população são responsáveis por tarefas que exigem conhecimento técnico, disponibilidade emocional, empatia e presença constante. No entanto, esse estudo é frequentemente marcado por condições precárias, baixa valorização

e intensa sobrecarga, o que pode comprometer o bem-estar físico e mental dos cuidadores (Nogueira et al., 2021).

O trabalho pode ser uma fonte de prazer, mas também de sofrimento, dependendo das condições em que é realizado, nesse viés, Dejours (1994) destaca o papel da atividade na construção da subjetividade, visto que o trabalho vai além da execução de tarefas técnicas, sendo também um espaço onde o sujeito se manifesta, atribui significados a sua atuação e estabelece relações com os outros e consigo mesmo. Quando o cargo é esvaziado de reconhecimento e significado, ele pode se tornar fonte de sofrimento psíquico. Nesse contexto, o trabalhador busca alternativas para lidar com as tensões do cotidiano e recorre a estratégias, sejam elas individuais ou coletivas, para o enfrentamento das tais tensões. Todavia essas são formas de uma proteção subjetiva que almejam a preservação do equilíbrio psíquico que nem sempre são eficazes a longo prazo (Dejours, 2013).

Em consonância com esse cenário permeado de tensões, sobrecargas e falta de reconhecimento que emerge a necessidade de compreender quais são os sentidos e significados que esses trabalhadores atribuem em seus cotidianos, uma vez que essa problemática permite uma reflexão em torno das condições inviabilizadas da atuação e do cuidado. Diante disso, se chegou na seguinte questão de pesquisa: ***Quais os sentidos e significados do trabalho atribuídos pelos trabalhadores no cuidado com idosos em instituições de longa permanência?***

Para responder à questão, o objetivo geral da pesquisa é compreender os sentidos e significados do trabalho atribuídos pelos trabalhadores no cuidado com idosos em instituições de longa permanência. Para aprofundar a investigação, delimitou-se os objetivos específicos: (1) analisar a trajetória de trabalho desses profissionais e como ela se conecta com a percepção de sentido do trabalho; (2) observar como os cuidadores se envolvem com as atividades de cuidado no dia a dia; e (3) identificar os principais desafios enfrentados por esses trabalhadores no exercício de suas funções.

A justificativa teórica da pesquisa consiste na necessidade de ampliar o debate sobre o significado do ofício em contextos marcados pelo envolvimento afetivo e pelo enfrentamento do sofrimento humano, temas ainda pouco explorados quando se trata do cuidado com idosos. Autores como Dejours (1994), Morin (2001) e Frankl (2008) apontam para a importância do reconhecimento e do propósito na experiência laboral, especialmente, em ocupações emocionalmente exigentes.

Dejours (1994) destaca em seu estudo que o exercício é mais do que uma obrigação, é um espaço onde o sujeito está em busca de sentido e se relaciona com o mundo. Autores que abordam a colocação sob diferentes perspectivas dialogam nesta pesquisa: Morin (2001), pelo pensamento complexo, oferece um enquadramento sistêmico sobre as interações entre estruturas sociais, organizações e subjetividades; Dejours (1994), aprofunda a psicodinâmica do trabalho, enfocando sofrimento, defesa e condições laborais; e Frankl (2008), realça a dimensão do sentido existencial do trabalho. A articulação dessas perspectivas possibilita compreender tanto os condicionantes estruturais quanto as experiências subjetivas dos cuidadores em instituições de longa permanência. Com base nessas contribuições, esta pesquisa busca compreender como esses elementos se manifestam no cotidiano dos profissionais que cuidam de idosos, muitas vezes invisíveis nas discussões sobre carreira e gestão.

Do ponto de vista prático, pretende-se contribuir para a melhoria das condições de desempenho nesses espaços, promovendo maior valorização, bem-estar e estabilidade para os profissionais envolvidos. Desse modo, o presente projeto está organizado em Introdução, com a contextualização do tema, a problemática, a pergunta norteadora, o objetivo geral e os específicos, bem como a justificativa, seguido do Referencial Teórico, o qual está dividido em três seções. A primeira seção apresenta os aspectos do envelhecimento demográfico no Brasil, seguida da segunda seção sobre sentido e significado do trabalho e a terceira na qual se discorre sobre o trabalho com idosos institucionalizados e a metodologia.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção são expostos os fundamentos teóricos que sustentam e orientam a construção da presente pesquisa. Na primeira, o foco recai sobre a abordagem do sentido e do significado do trabalho, com base em autores que analisam essa temática sob diferentes perspectivas. São exploradas as dimensões subjetivas e sociais atribuídas ao trabalho pelos profissionais que atuam em instituições de longa permanência para idosos, considerando como fatores o vínculo afetivo, rotina institucional e condições laborais que interferem na forma como esses sujeitos experimentam e atribuem valor à sua prática cotidiana.

A segunda seção trata do processo de envelhecimento demográfico no Brasil. Discute-se as transformações na composição etária da população e os reflexos sociais e políticos decorrentes desse fenômeno. Por fim, a terceira seção apresenta um panorama geral sobre o serviço com pessoas idosas institucionalizadas. Assim, são discutidos os aspectos estruturais e organizacionais das instituições de longa permanência para idosos, bem como as particularidades da atuação profissional nesses espaços.

2.1 Sentido e significado do trabalho

A prática laboral, mais do que uma atividade econômica, é um elemento central na constituição da identidade social e subjetiva dos indivíduos. Polidoro e Andrade (2024) destacam que o trabalho deixou de ser, ao longo da história, apenas uma ação vinculada à sobrevivência e se tornou um campo de expressão de valores, emoções e experiências. Nesse viés, o exercício atua como mediador das relações sociais e a forma como os indivíduos o vivenciam é atravessada por fatores sociais, culturais e afetivos (Polidoro; Andrade, 2024).

Para Dejours (2006), a função é muito mais do que cumprir tarefas, ele é uma experiência que atravessa o corpo, a mente e as emoções. Quando o trabalhador encontra sentido no que faz, assim como quando é reconhecido e pode exercer sua criatividade, o sofrimento pode se transformar em prazer. É nesse cenário, entre o que se espera e o que se vive, que a prática ganha ou perde significado. Nessa perspectiva, Tolfo e Piccinini (2007) apontam uma distinção entre sentido e significado, para eles, o significado é como uma representação social mais ampla do trabalho, enquanto o sentido diz respeito à vivência subjetiva e afetiva que o indivíduo estabelece com sua atividade.

A respeito do sofrimento no trabalho Dejours (1994), afirma que esse não pode ser analisado apenas por uma perspectiva negativa, visto que a psicodinâmica do trabalho aponta para um caminho no qual, ainda que, em contextos de adversidade, os trabalhadores acabam criando estratégias para lidar com as pressões do ambiente laboral que ajudam esses sujeitos a preservar o equilíbrio psíquico e impedem que o sofrimento se torne um fator para o adoecimento do trabalhador. No entanto, quando essas estratégias falham ou são insuficientes aumenta o risco de que o sofrimento se torne patológico.

Assim, Almeida et al. (2022) corroboram com a visão de Dejours (1994) ao apontarem que é possível que os trabalhadores experimentem tanto o prazer quanto o sofrimento no ambiente laboral. Segundo os autores, alguns fatores como a pressão por mais produtividade e a falta de reconhecimento são causas para a frustração e para o desgaste emocional do sujeito em seu contexto de trabalho. Outrossim, para Almeida et al. (2022) ainda que algumas empresas oferecem maiores benefícios, os servidores, em contraposição, relatam que as cobranças e a sobrecarga psicológica afetam de maneira negativa o seu bem-estar, em virtude do medo de buscar ajuda.

O sofrimento pode, ainda, ser potencializado pela diferença entre o que é o trabalho prescrito e o realizado, de modo que em alguns casos a função do colaborador não corresponde à realidade que ele enfrenta, devido a demanda de imprevistos e constantes adaptações ao

cenário em que está inserido. Essa diferença entre o prescrito e o realizado gera frustração, sobretudo, quando o esforço adotado não é acompanhado de aprovação, sendo esse, um reconhecimento simbólico por colegas ou superiores, já que ele é fundamental para a atribuição, de valor, à atividade desempenhada (Dejours, 2013).

A atividade em instituições de longa permanência para idosos envolve sentimentos contraditórios. Cuidar do outro, principalmente em um contexto de fragilidade e dependência, pode trazer tanto satisfação quanto sofrimento. A Psicodinâmica do Trabalho ajuda a entender essa realidade, ao revelar que o sofrimento aparece quando existe um conflito entre o que se exige do servidor e aquilo que ele realmente pode fazer (Dejours, 1994).

Para Macêdo e Pires (2020), experiências como a falta de reconhecimento, o excesso de demandas e a rigidez na organização, são fatores que desgastam o profissional e geram sofrimento. Mesmo assim, muitos trabalhadores criam formas próprias de lidar com esses desafios. O vínculo com os idosos, o cuidado direto e o reconhecimento afetivo, são exemplos de elementos simbólicos que ajudam esses profissionais a seguir em frente por meio de uma estratégia subjetiva de enfrentamento, como apontam os autores.

Nesse panorama, é comum que os profissionais desenvolvam mecanismos de defesa como forma de protegerem sua saúde mental diante das exigências do cargo. Em vista disso, consoante a concepção de Doriana, esses mecanismos podem ser, tanto individuais quanto coletivos, e variam de acordo com a história, as vivências e a subjetividade de cada servidor (Lima; Scatolin, 2020).

Na sequência, será apresentada a seção sobre o envelhecimento demográfico, um fenômeno que tem transformado os modos de trabalho de pessoas que atuam no cuidado voltado à população longeva e os modos de enfrentamento ao sofrimento dos trabalhadores dessa área.

2.2 Envelhecimento demográfico

Nos últimos anos observa-se uma transformação significativa na composição demográfica: a população idosa tem crescido de maneira acelerada nas últimas décadas. Em um contexto geral, o mundo passa por um momento de crescimento da população idosa, assim, a Organização das Nações Unidas no ano de 2022 estimava que cerca de 771 milhões de pessoas tinham 65 anos de idade ou mais (United Nations, 2022).

No Brasil, o Censo Demográfico de 2022 revelou que mais de 22 milhões de brasileiros já ultrapassaram essa faixa etária, de 65 anos ou mais, o que corresponde a 10,9% da população total, quase o dobro da população idosa registrada no Censo de 2010 (IBGE, 2022). Esse cenário evidencia a urgência de reestruturar as políticas públicas e os sistemas sociais, a fim de garantir condições adequadas de cuidado, participação e qualidade de vida para essa parcela crescente da sociedade.

Esse envelhecimento, representa uma conquista no campo da saúde e da longevidade, conforme Camarano (1999). Outrossim, esse fenômeno é resultado direto das mudanças demográficas que caracterizam as últimas décadas como a redução das taxas de mortalidade e fecundidade (Mrejen et al., 2023).

Nesse contexto, segundo Vasconcelos e Gomes (2012), até a década de 1970, o Brasil apresentava um modelo familiar caracterizado por lares numerosos, concentrados majoritariamente na zona rural, marcados por elevadas taxas de natalidade e também de mortalidade infantil. A partir desse período, inicia-se uma transformação nesse padrão e a família passa a se configurar como urbana, com uma redução significativa no número de filhos.

Com base na Lei nº 10.741, promulgada em 1º de outubro de 2003, pode-se definir como pessoa idosa todo indivíduo com 60 anos de idade ou mais. Para Pedrosa et al. (2024) o envelhecimento transpassa a idade cronológica, mas deve ser considerado como o resultado da trajetória de vida do indivíduo, sendo essa marcada por fatores biológicos, psicológicos, sociais

e culturais. Desse modo, os autores afirmam que cada pessoa envelhece de maneira particular, o que deve ser considerado para fins de institucionalização.

Projeções da Organização das Nações Unidas apontam que, até o ano de 2070, cerca de 30% da população brasileira terá 65 anos ou mais (United Nations, 2022). O envelhecimento populacional é uma tendência global, para tanto, a Organização Mundial da Saúde (World Health Organization, 2024) projeta que, até 2030, uma em cada seis pessoas terá 60 anos ou mais, somando cerca de 1,4 bilhão de idosos no mundo. Já no Brasil o envelhecimento populacional vem acontecendo de maneira desigual entre as regiões, Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul (Gonçalves; Alves, 2024).

Até o ano de 2060, cerca de um terço da população brasileira terá 60 anos de idade ou mais, sobretudo, nas regiões Sul e Sudeste, em que as estimativas de envelhecimento devem ultrapassar 30% dos habitantes. Mesmo que o ritmo desse envelhecimento populacional seja variável no Brasil, o processo aponta para a necessidade de políticas públicas que considerem, além desse aspecto, as desigualdades regionais do Brasil, as quais estão associadas à expectativa de vida e acesso a direitos sociais (Gonçalves; Alves, 2024).

A partir dessa circunstância surge a necessidade de refletir sobre as políticas públicas que estão sendo implementadas ou não, para acolher essa parcela da população com dignidade, à cidadania e à participação plena na sociedade assim como está disposto no Art. 2º da Lei nº10.741 de 2003:

A pessoa idosa goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando sê-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (Brasil, 2022) Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003, redação dada pela Lei nº 14.423, de 2022)

Segundo Ferreira et al. (2020), em vista dessas novas configurações, torna-se evidente que o Brasil, embora tenha sido pioneiro ao pensar o envelhecimento populacional em seu marco legal como a Política Nacional do Idoso, Lei nº 8.842/1994 e a Lei nº 10.741/2003, um marco inédito na América Latina ainda o país enfrenta desafios no que tange o enfrentamento das formas de preconceito contra a pessoa idosa. Dentre esses desafios, destaca-se o ageísmo, termo relacionado à discriminação sistemática baseada na idade, assim, essa forma de preconceito se manifesta de maneira sutil ou explícita no cotidiano, negando à pessoa idosa seu valor social e reforçando estereótipos de inutilidade, fragilidade e dependência (Ferreira et al., 2020).

Comumente, o ageísmo está relacionado ao conceito de etarismo, desse modo, é importante ressaltar que esse nem sempre está relacionado à velhice, ainda que nesse grupo a manifestação negativa seja mais recorrente. O etarismo diz respeito a atitudes preconceituosas ou discriminatórias dirigidas a pessoas com base em sua idade, podendo ocorrer tanto contra quanto a favor de determinados grupos etários e pode se expressar de forma sutil ou nas estruturas e políticas de instituições (Hanashiro Pereira, 2020).

No Brasil, o envelhecimento da população e as mudanças nas configurações familiares tornam as Instituições de Longa Permanência para Idosos cada vez mais necessárias, assim Guimarães et al. (2023) apontam que de acordo com o Censo do Sistema Único de Assistência Social de 2018, existiam 1.665 instituições públicas ou filantrópicas de longa permanência para idosos estavam ligadas à assistência social no ano de 2018. Essas instituições foram avaliadas a partir de uma matriz com indicadores que analisam aspectos como a qualidade do cuidado, os recursos humanos, o envolvimento da família, a moradia e a comunicação. Ao final revelou-se nesse estudo que existem diferenças regionais na qualidade dos serviços prestados a essa parcela da população, reforçando a urgência de políticas públicas que garantam cuidados mais justos e eficazes aos idosos institucionalizados (Guimarães et al., 2023).

Diante dessas reflexões, é possível compreender que o trabalho carrega traços que transpassam a execução de tarefas, mas envolve também a subjetividade e a saúde do trabalhador, desse modo, na seção será abordado o trabalho do cuidado junto à população longeva em instituições de longa permanência.

2.3 O trabalho com a população longeva

A institucionalização de pessoas idosas configura-se como um processo complexo que implica alterações significativas na vida cotidiana, nas relações sociais e na percepção que o idoso tem de si mesmo enquanto indivíduo. As instituições de longa permanência para idosos são destinadas a acolher indivíduos com 60 anos ou mais e surgem como alternativa para os que pela ausência de rede de apoio, situação de dependência funcional ou vulnerabilidade socioeconômica já não conseguem permanecer em seus contextos familiares (Sousa Filho et al., 2022).

De acordo com Silva (2020), a experiência da institucionalização é frequentemente atravessada por sentimento de perda, isolamento e descontinuidade dos vínculos afetivos, o que é refletido na forma como a pessoa idosa percebe sua existência dentro da instituição. Em consonância com esse desafio, Guimarães et al. (2023) apontam os desafios que além de afetar os institucionalizados recaem sobre as equipes de trabalho das instituições asilares. O autor destaca as desigualdades estruturais entre as instituições de longa permanência de idosos no Brasil, essas marcadas pela falta de recursos e fragilidades resultantes da falta de políticas públicas que comprometem a qualidade do cuidado prestado.

No que tange ao exercício profissional junto à população idosa em instituições de longa permanência, a atuação desses profissionais demanda para além de habilidades técnicas específicas, como observam Sousa Filho et al. (2022), a complexidade da institucionalização exige dos profissionais com preparo para uma escuta atenta às necessidades afetivas e subjetivas dos idosos. Nesse viés, Minayo (2012) aponta que o cuidado com pessoas idosas exige uma abertura genuína para lidar com suas fragilidades físicas, emocionais e sociais.

Do mesmo modo, em consonância com Silva (2020), o vínculo afetivo entre profissionais e os residentes da instituição asilar é essencial para reduzir o sofrimento emocional associado ao processo de institucionalização. Assim, Boff (1999, p. 15) propõe uma concepção ampliada de cuidado, compreendido como uma atitude ética e afetiva diante do outro na qual “[...] cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilização afetiva com o outro”. Para o autor, cuidar é estar presente com atenção e responsabilidade, reconhecendo a dignidade do ser humano em qualquer etapa da vida.

Freitas e Noronha (2010), ao investigarem o cotidiano de uma instituição de longa permanência, observam que o cuidado oferecido nem sempre considera as dimensões subjetivas e afetivas da pessoa idosa. Embora as rotinas estejam organizadas para atender às necessidades básicas, muitas vezes faltam espaços de escuta e de valorização das histórias de vida dos residentes. Para as autoras é importante reconhecer o idoso como sujeito ativo, com desejos, vínculos e modos próprios de estar no mundo.

Nesse sentido, o cuidado com idosos dependentes no contexto domiciliar, geralmente assumido por familiares, embora considerado o principal núcleo de apoio, a família frequentemente se encontra desamparada frente à complexidade do cuidado, lidando com sobrecarga emocional, física e financeira. A ausência de políticas públicas eficazes para apoiar o cuidador informal contribui para agravar esse cenário. Além disso, muitos cuidadores assumem essa função sem formação adequada, o que pode comprometer a qualidade do cuidado e do cuidador (Moreira e Caldas, (2007).

A prestação de cuidados a pessoas idosas em instituições de longa permanência é regulamentada por dispositivos legais e técnicos que visam garantir a dignidade, o bem-estar e a proteção integral desse grupo social. Para tanto, a Lei nº 8.842/1994, que institui a Política Nacional do Idoso, estabelece como uma de suas diretrizes que é dever do Estado promover a capacitação contínua de recursos humanos para atuar com a população idosa.

A complementar a referida lei, o Estatuto do Idoso, regido pela Lei nº 10.741/2003 reforça a necessidade de que os idosos institucionalizados recebam atenção de profissionais qualificados, assegurando-lhes um cuidado técnico, ético e respeitoso, em consonância com os princípios da dignidade da pessoa humana. Já a Resolução de Diretoria Colegiada nº 502/2021 da ANVISA, prevê os critérios sanitários e operacionais para o funcionamento das Instituições de Longa Permanência para Idosos, de caráter residencial, na qual fica determinado a presença de um responsável técnico e o número de cuidadores para cada residente conforme o grau de dependência.

Esses dispositivos não abarcam de maneira explícita a necessidade de curso para atuação como cuidador, mas evidenciam que as práticas com idosos asilados são determinadas de acordo com as necessidades dos residentes, sendo dever do Estado estimular a capacitação de recursos humanos e o que o idoso tem direito a atendimento por profissionais qualificados, todavia não define é um profissional qualificado. Portanto, compreender os desafios e especificidades do cuidado à população idosa, especialmente no contexto dos institucionalizados, permite lançar luz sobre as complexas dinâmicas que envolvem o cotidiano desses espaços. Afinal, o cuidado não se limita a uma função técnica, pois ele mobiliza valores, vínculos afetivos e construções identitárias.

Diante do exposto, observa-se que o envelhecimento populacional e a institucionalização de idosos configuram um contexto complexo, no qual os cuidadores desempenham um papel central. As demandas emocionais, físicas e sociais do cuidado revelam tanto desafios estruturais quanto aspectos subjetivos que atravessam a experiência laboral desses profissionais. Assim, compreender o sentido e o significado do trabalho nessa realidade permite ampliar o debate sobre valorização, reconhecimento e condições adequadas de atuação. Nessa perspectiva, a etapa seguinte do estudo apresenta os procedimentos metodológicos adotados, que possibilitam acessar as narrativas e vivências dos cuidadores, de modo a responder à questão de pesquisa proposta.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, propõe-se a compreender os sentidos e significados que profissionais atribuem ao trabalho de cuidado com pessoas idosas em instituições de longa permanência, localizadas no município de Santana do Livramento – RS. Na perspectiva de Flick (2009) a abordagem qualitativa permite que se possa compreender a subjetividade das experiências. Já o caráter descritivo da pesquisa ocorre porque, tem como finalidade retratar e compreender os sentidos e significados atribuídos ao trabalho pelos cuidadores de idosos em instituições de longa permanência, sem a intenção de manipular variáveis ou testar hipóteses.

Ainda, conforme Gil (2008), a pesquisa descritiva busca descrever as características de determinada população ou fenômeno, permitindo uma análise detalhada da realidade investigada. Assim, optou-se por esse tipo de pesquisa para compreender de forma aprofundada as experiências relatadas pelos cuidadores, valorizando suas percepções e vivências no contexto institucional. Esse tipo de pesquisa descritiva busca descrever as características de determinado fenômeno ou grupo social, sem que haja a interferência do pesquisador sobre a realidade estudada, fornecendo um retrato detalhado da situação em análise (Gil, 2017). Logo, a pesquisa descritiva mostra-se adequada para este estudo, pois possibilita identificar, organizar e

interpretar as percepções dos cuidadores acerca do trabalho realizado no contexto institucional, permitindo compreender tanto os aspectos objetivos da atividade quanto às dimensões subjetivas que atribuem sentido e significado ao seu fazer cotidiano.

Para alcançar o objetivo geral e os específicos propostos, foi utilizado o método de história oral temática, que permite reconstruir por meio das narrativas dos sujeitos, suas vivências relacionadas à temática específica do trabalho. Segundo Meihy (2011), a história oral, enquanto método, pode ter uma perspectiva temática, ou seja, diferente da história oral típica, a história oral temática busca organizar relatos em torno de um foco específico, valorizando a experiência individual como fonte de conhecimento social. As técnicas de coleta de dados para realizar a história oral temática foram divididas em dois momentos: a observação da pesquisadora e entrevistas com trabalhadores que atuam em instituições de longa permanência.

A observação ocorre quando o pesquisador se insere no ambiente investigado e acompanha de perto as atividades dos sujeitos, registrando práticas, interações e significados que nem sempre emergem em entrevistas formais. Esse processo possibilita compreender mais profundamente o cotidiano e as experiências vividas, uma vez que o pesquisador vivencia a realidade estudada de forma imersiva (Abib; Hoppen; Hayashi, 2013).

Durante a observação foi elaborado diário de campo, com registros sistemáticos de acontecimentos, impressões e reflexões que emergem durante o processo investigativo, de modo a preservar dados objetivos e subjetivos da experiência de pesquisa. Essa técnica contribui para acompanhar a evolução das observações e captar aspectos afetivos, cognitivos e sociais ao longo do tempo (Zaccarelli; Godoy, 2010). A partir da conquista de informantes-chave, com quem a pesquisadora realizou entrevistas informais contendo relatos registrados em seus diários de campo. Esta pesquisadora esteve em campo por oito meses, indo com quatro dias da semana, com seis horas por dia, totalizando duzentos e oitenta e oito horas em campo.

A segunda técnica de coleta foi a entrevista semiestruturada. Conforme Triviños (1987), ela caracteriza-se por combinar perguntas previamente definidas com a flexibilidade de explorar aspectos emergentes durante a interação com o entrevistado. Essa técnica possibilita compreender não apenas informações objetivas, mas também percepções, sentimentos e significados atribuídos ao trabalho pelos participantes.

O instrumento para coleta de dados da entrevista foi um roteiro de perguntas, dividido em blocos temáticos relacionados aos objetivos da pesquisa, conforme o Apêndice A. O grupo de participantes foi composto por profissionais que atuam em instituições de longa permanência em Sant'Ana do Livramento por no mínimo seis meses no cuidado direto com idosos. A escolha dos entrevistados justifica-se pela relevância de compreender a partir da realidade local, os sentidos e significados atribuídos ao trabalho de cuidado com a população idosa do município. A caracterização dos entrevistados consta no Quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa

Entrevistado	Gênero	Idade	Formação	Tempo como cuidador(a)
Carla	F	53	Ensino Médio	4 anos
Bruno	M	59	Ensino Médio	6 anos
Rita	F	60	Ensino Técnico de Enfermagem	23 anos
Daniela	F	38	Ensino Fundamental incompleto	3 anos e meio
Ester	F	45	Ensino Fundamental incompleto	10 anos
Gabriela	F	36	Ensino Médio	1 ano e meio

Flávia	F	61	Ensino Médio	33 anos
Helena	F	37	Ensino Fundamental incompleto	7 anos
Irma	F	44	Ensino Médio	15 anos

Fonte: elaborado pela autora.

Os entrevistados são, em sua maioria, do gênero feminino, o que reflete a predominância das mulheres nas funções de cuidado em instituições de longa permanência. Apenas um dos participantes é do gênero masculino, confirmando a tendência histórica de que o cuidado é uma atividade socialmente associada ao feminino.

A média de idade dos participantes foi 48,11 anos, sendo a mais jovem com 36 anos e a mais velha com 61 anos, o que demonstra uma faixa etária ampla, mas com experiência acumulada ao longo dos anos. Isso configura um perfil laboral de profissionais com meia idade.

Quanto à escolaridade, observou-se que a maior parte possui Ensino Médio completo, enquanto algumas cuidadoras apresentam Ensino Fundamental e apenas uma cuidadora possui formação técnica específica na área. Esse dado evidencia a diversidade de níveis de formação entre os cuidadores e sugere que grande parte do aprendizado ocorre na prática cotidiana. Todavia, sem formação superior.

O tempo de atuação na função variou entre os participantes, incluindo desde profissionais ingressantes nessa profissão com poucos anos de experiência, sendo o mínimo um ano e meio e o máximo 33 anos, representando aqueles com décadas dedicadas ao cuidado. Isso revela trajetórias distintas e diferentes estágios de envolvimento com o trabalho entre os cuidadores de idosos.

Esse perfil demonstra que o trabalho de cuidador de idosos é exercido, em grande parte, por mulheres adultas, com trajetórias marcadas pela experiência prática e pela aprendizagem no cotidiano. A predominância feminina reforça o caráter historicamente atribuído ao cuidado como uma extensão das tarefas domésticas e afetivas, enquanto a diversidade de idades e formações demonstra que o ingresso na profissão pode ocorrer em diferentes momentos da vida. Assim, o sentido e o significado do trabalho emergem não apenas da formação técnica, mas principalmente da vivência, do vínculo com os idosos e da identificação pessoal com o ato de cuidar.

A análise dos dados foi realizada a partir da análise de conteúdo, conforme Bardin (2016, p.16) a mesma é “[...] um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. As categorias analíticas emergiram a posteriori, a partir das narrativas dos cuidadores, de modo a captar aspectos singulares de suas experiências.

Para tanto, foi conduzida a técnica de análise de conteúdo, conforme o referencial metodológico de Silva e Fossá (2015) amparado em Bardin (2016), possibilitando identificar e interpretar significados presentes nas narrativas dos participantes de forma sistemática e teórica. O processo seguiu etapas sucessivas, contemplando desde a organização do corpus até a síntese interpretativa dos resultados. Assim, definiu-se o processo analítico nas seguintes etapas: (1) organização do corpus, (2) definição da unidade de registro, (3) codificação aberta, (4) categorização intermediária e (5) síntese interpretativa.

Inicialmente, procedeu-se à transcrição integral das entrevistas e à leitura flutuante do material, permitindo a familiarização com as falas e a identificação de temas recorrentes. Em seguida, definiu-se o enunciado como unidade de registro, por representar o trecho mínimo capaz de expressar uma ideia completa. Na fase de codificação aberta, foram atribuídos rótulos às unidades de registro, originando categorias iniciais, classificadas como emergentes (oriundas

do discurso dos participantes). Não houve categorização a priori, ou seja, categorias iniciais oriundas do referencial teórico.

As categorias iniciais foram revisadas e agrupadas em categorias intermediárias, a partir da identificação de convergências semânticas e temáticas. Posteriormente, essas categorias foram sintetizadas em categorias finais, de caráter mais abstrato e interpretativo, que articulam as evidências empíricas ao referencial teórico sobre o sentido e o significado do trabalho. A síntese metodológica da pesquisa está no Quadro 2.

Quadro 2 - Procedimentos metodológicos da pesquisa

Elemento	Descrição
Abordagem Qualitativa	Busca compreender a subjetividade das experiências (Flick, 2009).
Caráter Descritivo	Para observar e analisar fenômenos de forma sistemática (Collis; Hussey, 2005).
Método História Oral temática	Organiza relatos da história recente dos participantes a partir de um foco específico, uma temática particular da sua vivência (Meihy, 2011).
Técnicas de coleta de dados	Entrevista semiestruturada, com blocos temáticos baseados no referencial teórico.
	Observação participante, com diários de campo e informantes-chave.
Grupo de participantes	Cuidadores com, no mínimo, seis meses de atuação direta no cuidado de idosos em instituições de longa permanência de Sant'Ana do Livramento.
Técnica de análise de dados	Análise de conteúdo, conforme Bardin (2016).

Fonte: elaborado pela autora.

Por fim, a triangulação entre entrevistas, diário de campo e literatura especializada fortaleceu a validade do processo analítico, permitindo uma compreensão mais ampla e profunda dos sentidos e significados atribuídos ao trabalho pelos cuidadores de idosos em instituições de longa permanência. Assim, foi possível compreender, a partir da fala dos cuidadores, os sentidos e os significados atribuídos ao trabalho, relacionando as experiências vividas com o referencial teórico apresentado no tópico anterior. De acordo com Minayo (2014), a análise qualitativa busca compreender a realidade social em sua profundidade simbólica e subjetiva, valorizando o discurso dos sujeitos como expressão de sua experiência no mundo.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise foi organizada de acordo com as orientações de Silva e Fossá (2015) que seguem Bardin (2016), propondo um processo de categorização progressiva, partindo das categorias iniciais, que emergem diretamente das falas, passando pelas intermediárias, até alcançar as categorias finais, que expressam os núcleos de sentido do fenômeno estudado.

Dessa forma, a análise dos resultados foi orientada por duas dimensões complementares: a interpretação empírica, baseada nas falas dos participantes, e a interpretação teórica, apoiada em autores como Morin (2001), Dejours (2011), Antunes (2009), Mendes (2007), Frankl (2005) e Boff (1999), que discutem o sentido, o significado e o reconhecimento do trabalho.

Para alcançar o objetivo da pesquisa que busca compreender os sentidos e significados do trabalho de cuidadores de idosos em instituições de longa permanência, seguindo a técnica

de análise do conteúdo, primeiramente, é preciso apresentar as categorias iniciais que emergiram dos dados coletados.

4.1 Categorias Iniciais

A partir da leitura exaustiva e flutuante das entrevistas, foi possível identificar unidades de registro que expressam ideias, sentimentos e percepções dos cuidadores de idosos sobre o seu trabalho. De acordo com Bardin (2016), essa etapa consiste na decomposição do material em fragmentos significativos, que possibilitam captar a essência do discurso dos participantes.

Essas unidades de registro foram agrupadas em categorias iniciais que, segundo Silva e Fossá (2015) seguindo Bardin (2016), correspondem à primeira fase da categorização, na qual os significados emergem de forma espontânea e direta das falas. Elas revelam os aspectos mais imediatos e concretos relacionados à experiência laboral, permitindo compreender como os cuidadores percebem sua trajetória, suas motivações, desafios e sentimento em relação ao trabalho.

As categorias iniciais, portanto, refletem a voz autêntica dos participantes, sem ainda uma interpretação teórica aprofundada, constituindo a base para o agrupamento posterior em categorias intermediárias e finais. A seguir, no Quadro 3, são apresentadas as 18 categorias identificadas pela emergência dos dados nessa etapa.

Quadro 3 – Categorias iniciais

CATEGORIAS INICIAIS	
1	Experiência pelo vínculo familiar
2	Identificação com a profissão
3	Aprendizagem na prática
4	Formação técnica
5	Rotina exaustiva
6	Trabalho multitarefa
7	Atenção simultânea
8	Demanda física
9	Demanda psicológica
10	Escassez de recursos e suporte
11	Dilemas éticos
12	Reconhecimento familiar parcial
13	Falta de compensação justa
14	Desvalorização social
15	Vínculo afetivo
16	Transformação pessoal e crescimento humano
17	Exaltação de sentimentos nobres
18	O cuidar como missão

Fonte: elaborado pela autora.

As duas primeiras categorias iniciais dizem respeito à escolha e **identificação com a profissão**. A entrada na profissão é marcada por trajetórias espontâneas e afetivas. A primeira categoria inicial denominada “**Experiência pelo vínculo familiar**” denota o ingresso por cuidar de um parente antes. Bruno compartilha: “*Comecei cuidando da minha mãe*”, enquanto Daniela afirma que se aproximou da área após atuar como auxiliar de enfermagem, destacando o “*gosto pela profissão e afinidade com os idosos*”. Carla reforça: “*Eu fiz o curso e me identifiquei com a profissão*”.

Esses relatos revelam que o cuidado não é apenas uma ocupação, mas uma escolha que nasce de vínculos afetivos e experiências pessoais. A identificação com o cuidar emerge como um elemento que sustenta a permanência na profissão, mesmo diante de adversidades.

A terceira categoria emergente dos dados é a forma como aprendem a realizar o trabalho de cuidador. A **aprendizagem na prática** é a mais presente, pois ela ocorre, em grande parte, na vivência diária do trabalho, por meio da observação e da troca com colegas mais experientes. Irma: *“Aprendi tudo na prática, olhando as colegas e fazendo junto, no começo tinha medo de errar, mas com o tempo fui pegando o jeito”*. Helena reforça: *“Aqui a gente aprende no dia a dia, não tem curso que ensine tudo o que acontece com os idosos”*. mostram que o saber sobre o cuidar é construído na prática, a partir das experiências e desafios enfrentados no dia a dia.

Esses relatos evidenciam que o aprendizado empírico vai além da técnica, envolvendo sensibilidade, adaptação e escuta. O cotidiano se torna, assim, um espaço constante de formação, no qual o fazer e o conviver sustentam o sentido e o compromisso com o trabalho de cuidar.

Todavia, a quarta categoria revela que a formação dos cuidadores é marcada por contrastes entre saberes formais e práticos. Havendo aqueles que possuem **formação técnica**, e outros que aprendem no cotidiano. Gabriela afirma: *“Tenho curso de cuidadora”*, enquanto Bárbara e Rejane dizem: *“Nunca fiz curso, aprendi no dia a dia”*.

A quinta categoria aborda a **rotina exaustiva**, sendo marcada por longas jornadas, exigência física e emocional, além de pouco tempo para descanso. Ester comenta: *“Trabalho 12 horas por dia e, às vezes, nem dá tempo de sentar”*. Daniela complementa: *“A gente faz de tudo o tempo todo, mal tem hora pra parar, é banho, comida, remédio, limpeza, tudo junto.”* Já Irma destaca: *“Cuidar é cansativo, porque não tem pausa, o idoso sempre precisa da gente, mesmo à noite”*.

Essas falas mostram que o trabalho das cuidadoras é intenso e contínuo, exigindo disposição física, paciência e atenção constante. A rotina exaustiva reflete a sobrecarga que esses profissionais enfrentam diante da alta demanda dos idosos e da falta de pessoal, o que pode gerar cansaço e desgaste.

Em complemento à quinta categoria, a sexta revela que a carga de trabalho, além de intensa, é multifacetada. Logo, atuar como cuidador de idosos é realizar um **trabalho multitarefa**. Ester relata: *“Trabalho 12 horas seguidas”*, e complementa: *“Cuidava, dava banho, trocava, limpava o salão”*. Daniela afirma: *“Ficava dia e noite com o idoso”*. Daniela: *“Aqui a gente faz de tudo: dá banho, troca, limpa, ajuda na cozinha e ainda tem que conversar com os idosos para acalmar. Não tem um minuto parado”*. Helena: *“Além de cuidar dos idosos, a gente lava roupa, arruma cama, limpa o quarto. É um trabalho que exige muito corpo e paciência”*, Irma: *“A gente acaba fazendo o que precisa, porque se esperar outro funcionário, o idoso fica sem atendimento. Então a gente faz um pouco de tudo.”* Carla: *“O serviço é pesado, a gente cuida e ainda tem que dar conta das tarefas da casa. Falta gente e sobra trabalho.”* Daniela: *“A gente é cuidadora, mas também faz o papel de enfermeira, psicóloga e até de família. É muita responsabilidade”*.

Helena afirma que: *“Enquanto estou dando banho em um idoso, já estou ouvindo outro me chamar. A gente precisa ter atenção em tudo ao mesmo tempo.”* Já Irma ressalta que *“Tem dias que não paro nem pra beber água. É dar medicação, trocar, limpar, servir comida, responder à família... tudo junto.”* Carla relata: *“A gente faz o que tem que fazer, porque se esperar outro funcionário, o idoso fica sem cuidado. Então assumimos várias funções.”*

Helena salienta: *“Sou cuidadora, mas acabo fazendo de tudo: preparo lanche, arrumo cama, acompanho no médico, ajudo na fisioterapia... é uma correria”*. Rita comenta: *“Às vezes estou cuidando de um idoso acamado e ao mesmo tempo preciso ficar de olho nos que andam para não caírem. É muita responsabilidade”*. Daniela ressalva: *“A gente limpa, organiza,*

acalma, dá banho, alimenta... e ainda tem que ter paciência e carinho. É multitarefa o tempo todo”.

Flávia ainda lembra: *“Aqui não existe uma função só. A gente faz o que precisa ser feito, desde segurar na mão de um idoso chorando até limpar o chão”.* Carla reafirma: *“Tem dias que parece que sou três pessoas. É muita demanda, mas a gente tenta dar conta porque eles precisam da gente”.*

Essas falas revelam uma rotina marcada pela sobrecarga física e emocional. O acúmulo de funções, muitas vezes sem pausas ou apoio, aponta para uma estrutura institucional que naturaliza a exaustão e compromete o bem-estar dos profissionais.

A sétima categoria é fruto da sexta, pois o trabalho exige **atenção simultânea** a várias tarefas ao mesmo tempo, o que aumenta o nível de cansaço e de responsabilidade. Daniela comenta: *“A gente tem que cuidar de um, mas de olho no outro que tá chamando, e ainda lembrar dos horários dos remédios”.* Irma acrescenta: *“Não dá pra parar, é tudo junto: um quer ir ao banheiro, o outro quer água, e ainda tem os que precisam de ajuda pra comer”.* Helena completa: *“Tem hora que parece que a gente tem que se dividir em três, porque tudo acontece ao mesmo tempo”.*

Essas falas mostram que o trabalho das cuidadoras exige uma atenção dividida entre várias demandas simultâneas, o que torna o ambiente dinâmico e, muitas vezes, estressante. A necessidade de responder rapidamente a diferentes situações reforça a importância da agilidade, da paciência e do senso de responsabilidade. Essa exigência constante de vigilância e prontidão contribui para o desgaste físico e mental, mas também evidencia o comprometimento dessas profissionais com o bem-estar dos idosos sob seus cuidados.

Como consequência dessas características do trabalho de cuidador de idosos, vemos emergir as categorias oito e nove. As **demandas físicas** destacam que este trabalho exige grande esforço físico, devido às atividades repetitivas e ao cuidado direto com os idosos. Ester comenta: *“É um serviço pesado, a gente levanta, dá banho, troca, e tem idoso que não ajuda em nada, então cansa muito”.* Daniela complementa: *“O corpo sente, porque é o dia todo carregando, empurrando cadeira, ajudando a levantar”.* Já Helena observa: *“Às vezes saio com dor nas costas e nos braços, mas a gente segue, porque os idosos precisam da gente”.*

Essas falas revelam a intensidade física do trabalho de cuidado, marcada por movimentos repetitivos, longas jornadas e posturas que exigem força e resistência. O esforço contínuo, muitas vezes sem pausas adequadas, gera desgaste corporal e contribui para o cansaço acumulado. Ainda assim, as cuidadoras demonstram resiliência e comprometimento, superando o esforço físico pela responsabilidade e pelo vínculo afetivo construído com os idosos.

A nona categoria revela que os cuidadores enfrentam desafios que vão além da sobrecarga física, eles também possuem **demandas psicológicas**. Irma afirma: *“O mais difícil é lidar com a perda, porque a gente se apega e logo eles falecem”.* Carla reconhece: *“É impossível não se emocionar, porque a gente é ser humano”.* Ester relata: *“Fui obrigada a atar idosos e medicá-los para que ficassem calmos”.*

Essas falas revelam o sofrimento emocional diante da morte e da negligência familiar, além de dilemas éticos que desafiam os limites da atuação profissional. A ausência de suporte institucional agrava esse cenário, gerando angústia e frustração. Essa questão emerge nas próximas categorias iniciais.

A décima categoria aborda a **escassez de recursos e suporte**, pois as cuidadoras relatam que enfrentam muitas dificuldades por causa da falta de materiais e de apoio no ambiente de trabalho. Irma afirma: *“Falta material básico, às vezes não tem fralda, não tem luva, e a gente tem que se virar”.* Irma complementa: *“Somos poucas para muitos idosos. Quando uma falta, fica ainda mais pesado para quem está”.* Já Gabriela destaca a carência de apoio institucional: *“A gente faz o que pode, mas não tem quem escute a gente, parece que o nosso trabalho não é*

visto”. Isso é reforçado por Ester, ao destacar a falta de pessoal: *“Tem dia que eu cuido, cozinho, limpo e ainda tenho que ajudar a servir o almoço. É muita coisa pra pouca gente”*.

Esses discursos evidenciam a precariedade das condições de trabalho e a ausência de suporte organizacional adequado. A escassez de materiais e de pessoal compromete a qualidade do cuidado e aumenta a sobrecarga física e emocional das cuidadoras. Contudo, a falta de reconhecimento e de canais de escuta institucional reforçam sentimentos de desvalorização e isolamento. Esse quadro revela uma contradição entre a importância social do trabalho de cuidar e o pouco investimento destinado a quem o realiza, acentuando o desgaste físico e mental abordado.

Outra categoria emergente dos dados foi sobre **dilemas éticos**. Durante as entrevistas, há relatos de situações que colocam em conflito seus valores pessoais e as exigências do trabalho. Flávia fala: *“Às vezes a gente vê que o idoso está sofrendo e não pode fazer muito, tem que esperar o médico ou a direção decidir”*. Ester relata: *“Tem idoso que a família não aparece nunca, e a gente fica com pena, mas não pode se envolver demais”*. Gabriela completa: *“Tem horas que pedem pra dar remédio para acalmar, mas a gente sabe que é mais pra não dar trabalho. Isso deixa a gente mal”*. Bruno comenta: *“Tem hora que a gente faz o que não é da função, mas se não fizer, o idoso fica sem atendimento. Aí a gente faz por consciência, não por obrigação”*.

Essas palavras revelam os dilemas éticos vividos no cotidiano do cuidado, marcados pela tensão entre o dever profissional e os sentimentos humanos. As cuidadoras enfrentam decisões difíceis, como respeitar protocolos institucionais mesmo quando percebem sofrimento dos idosos.

A décima segunda categoria aborda o **reconhecimento familiar parcial** que revela haver uma tensão entre valorização simbólica e invisibilidade formal. Carla afirma: *“Sou valorizada, sempre me indicam”*. De forma semelhante, Rita relata: *“Os familiares sempre agradecem, dizem que a gente cuida como se fosse da família”*. Ainda, Flávia compartilha uma experiência afetiva nesse sentido: *“Tem filhos que ligam só pra agradecer, dizendo que a mãe está mais calma e feliz. Isso enche o coração da gente”*. Já Daniela acrescenta: *“Quando a família reconhece, é uma alegria. Mostra que nosso trabalho tem valor, mesmo que às vezes a instituição não veja”*. Desta maneira, mesmo diante da invisibilidade formal e da ausência de reconhecimento institucional, o retorno afetivo dos familiares oferece aos cuidadores uma sensação de pertencimento e propósito, reforçando o valor ético e humano do cuidar.

Em contrapartida, o reconhecimento familiar não é total, mas sim parcial de alguns familiares, pois Ester denuncia: *“Na carteira era registrada como cozinheira, mesmo nunca tendo cozinhado, e tem idoso aqui que a família nunca aparece, nem pra saber como está”*. A fala de Ester expressa uma dupla desvalorização — institucional, pela falta de reconhecimento formal da função, e familiar, pelo abandono afetivo dos idosos. Outros cuidadores também destacam essa realidade. Gabriela diz: *“Tem idoso que a gente nunca vê ninguém visitar. Fica tudo por nossa conta”*. Ainda, Daniela reforça: *“Às vezes, parece que a gente é a única família dele”*. Irma se soma a essa triste realidade: *“Tem família que some. A gente cuida, dá carinho, mas eles não vêm nem no aniversário”*.

Esses discursos revelam que, embora haja reconhecimento por parte dos idosos e da equipe, o cuidado ainda é institucionalmente desvalorizado. A informalidade dos vínculos e a ausência de regulamentação reforçam a precarização da profissão. Isso fica evidenciado nas categorias seguintes.

A décima terceira categoria versa sobre a **falta de compensação justa**, gerando insatisfação com a remuneração recebida diante da responsabilidade e da intensidade do trabalho. Bruno afirma: *“A gente faz de tudo, mas o que ganha não paga nem o cansaço. O trabalho é pesado e não tem reconhecimento”*. Em outro momento, ele reforça a sobrecarga e a falta de proporcionalidade entre esforço e recompensa: *“Quando falta alguém, a gente cobre,*

trabalha dobrado, mas o salário é o mesmo. Parece que não importa o quanto a gente se dedica". Essas falas complementam a afirmação Rita: *"A gente faz de tudo pelos idosos, mas o salário não acompanha o tanto que a gente se doa"*. Ester: *"É um serviço pesado, físico e emocional, e o que a gente ganha mal dá pra viver"*. Gabriela acrescenta: *"Se fosse pelo dinheiro, ninguém ficaria. A gente fica porque gosta, porque tem amor"*. Bruno: *"Às vezes, a gente termina o turno cansado, mas com a sensação de dever cumprido. Mesmo com pouca gente, não dá pra deixar o idoso sem atenção"*.

Esses relatos evidenciam a percepção de desigualdade entre o esforço dedicado e o reconhecimento financeiro obtido. A falta de compensação justa aparece como um fator de desmotivação, revelando a invisibilidade social e econômica do cuidado. Mesmo sendo uma atividade essencial, o trabalho das cuidadoras ainda é tratado como extensão das tarefas domésticas e femininas, o que contribui para a sua desvalorização profissional e para a naturalização da baixa remuneração.

Além da baixa remuneração, os cuidadores também percebem que a sociedade não reconhece o valor do seu trabalho. Isso leva à décima quarta categoria inicial: **desvalorização social**. Irma relata: *"Muita gente acha que cuidar de idoso é só dar comida e trocar fralda, não veem o quanto a gente se envolve"*. Helena: *"As pessoas não entendem que é uma profissão, acham que é só ter paciência"*. Carla complementa: *"Falta respeito e reconhecimento. A gente lida com vidas, mas parece que ninguém dá importância"*.

Essas falas revelam que o cuidado ainda é socialmente subestimado, sendo visto como uma atividade de menor prestígio. A desvalorização social reforça o sentimento de invisibilidade e contribui para a precarização das condições de trabalho. Mesmo exercendo um papel essencial na vida dos idosos e das instituições, as cuidadoras sentem que seu esforço não é devidamente reconhecido pela sociedade, o que impacta diretamente o sentido e o significado que atribuem ao próprio ofício.

Apesar desses desafios e dificuldades, o **vínculo afetivo** e emocional com os idosos é um dos pilares deste trabalho, configurando-se na décima quinta categoria emergente dos dados. Quanto a isso, Helena compartilha: *"Ela me chamava de filha e eu a chamava de mãe"*, e Daniela relata: *"Quando ela faleceu, senti como se perdesse minha própria mãe"*. Irma descreve: *"Era uma troca de carinho e respeito."* Flávia: *"O trabalho é pesado, mas o que motiva é ver que o idoso confia na gente, que fica tranquilo quando a gente chega. Isso faz tudo valer a pena"*.

Esses relatos mostram que o cuidado ultrapassa a técnica e se transforma em relação humana. A afetividade é vivida como reciprocidade, como vínculo que humaniza o cotidiano institucional e dá sentido ao trabalho.

Como fruto desse vínculo, emergem aspectos de **transformação pessoal e crescimento humano** nesta profissão, sendo a décima sexta categoria identificada. O trabalho com idosos promove mudanças internas significativas. Daniela afirma: *"Fiquei mais sensível e humana"*. Gabriela diz: *"Aprendi a zelar e não deixar ninguém atirado"*. Esses relatos evidenciam que o cuidar é também um processo de formação subjetiva. A convivência com a vulnerabilidade do outro desperta empatia, paciência e compaixão, contribuindo para o amadurecimento emocional dos profissionais.

Com o vínculo afetivo e o crescimento humano, percebe-se que o trabalho como cuidador envolve a **exaltação de sentimentos nobres**, décima sétima categoria. As cuidadoras expressaram que o trabalho com idosos desperta sentimentos profundos de afeto, empatia e gratidão. Helena: *"A gente cria um carinho grande pelos idosos, eles acabam virando parte da nossa vida"*. Daniela: *"O que me motiva é o amor, porque tem que gostar muito pra cuidar. Eu faço com o coração"* e Irma *"Quando um idoso agradece ou dá um sorriso, é o que paga todo o esforço do dia"*.

Essas falas mostram que, apesar das dificuldades e da rotina cansativa, o trabalho das cuidadoras é permeado por valores humanos e sentimento de solidariedade. O cuidado é visto como uma missão que vai além das tarefas, envolvendo afeto e dedicação genuína. Esse vínculo emocional dá sentido ao trabalho e fortalece a motivação, funcionando como uma forma de recompensa simbólica diante da falta de reconhecimento material. A exaltação de sentimentos nobres revela que, para muitas cuidadoras, o amor, a paciência e a gratidão são forças que sustentam a permanência e o compromisso com a profissão.

Por conseguinte, a última categoria emergente aborda **o cuidar como missão**. As falas convergem para o sentido do trabalho como missão e prática de vida. Carla afirma: “*Ser cuidadora é algo que nasceu para fazer*”, e Helena declara: “*Ser cuidador de idoso é cuidar de si próprio*”. Esses relatos mostram que o cuidado é compreendido como gesto ético e espaço de construção de sentido. O trabalho transforma tanto o cuidador quanto o idoso, criando uma experiência que transcende o profissionalismo e se inscreve na dimensão existencial.

4.2 Categorias Intermediárias

As categorias intermediárias foram construídas a partir do agrupamento de ideias recorrentes nas falas dos participantes, revelando dimensões centrais da experiência laboral dos cuidadores de idosos santanenses. Cada categoria representa uma síntese provisória entre os registros empíricos e os conceitos teóricos, revelando tensões, sentidos e significados que atravessam o cotidiano desses profissionais.

Quadro 4 – Categoria intermediária I: Motivação para trabalhar

Categorias iniciais	Conceito norteador	Categoria intermediária
Experiência pelo vínculo familiar	Referência às experiências cuidando de parentes mais velhos que tiveram problemas de saúde.	I. Motivação para trabalhar
Identificação com a profissão	Envolve o sentimento de afinidade e realização pessoal que leva as cuidadoras a se reconhecerem na atividade de cuidar.	

Fonte: elaborado pela autora.

A primeira categoria intermediária é denominada “**Motivação para trabalhar**”, pois resulta da derivação das categorias iniciais “experiências pelo vínculo familiar” e “identificação com a profissão”. Essa categoria expressa as razões que levaram os cuidadores a ingressar e permanecer na profissão. Flavia, que atua há 33 anos na área, ilustra essa permanência sustentada por vínculos afetivos e senso de propósito, revelando o papel das experiências pessoais, da afetividade e da identificação com o ato de cuidar.

A motivação para iniciar e permanecer no serviço como cuidador de idosos está fortemente associada à identificação pessoal com o ato de cuidar e ao desejo de contribuir para o bem-estar do outro. Muitos profissionais relatam que escolheram essa função por afinidade, experiências familiares ou vocação para o cuidado. Isso dialoga com o que afirma Morin (2001) sobre o sentido de o trabalho emergir quando o indivíduo percebe que suas ações possuem utilidade e significado, promovendo impacto positivo na vida das pessoas.

Essa identificação com a profissão vai além da execução técnica e reflete uma ligação afetiva e ética com o ato de cuidar. Para Bendassolli (2011), o significado do trabalho é construído na relação entre a subjetividade do trabalhador e o contexto social, de modo que o cuidador encontra no vínculo com os idosos e nas interações cotidianas a base para afirmar sua identidade profissional e pessoal.

Apesar da satisfação simbólica e afetiva, essa motivação é frequentemente desafiada pelas condições adversas do ambiente laboral, como sobrecarga, escassez de recursos e pouco

reconhecimento. Conforme Dejours (1992), o sofrimento surge quando o trabalhador é impedido de realizar o trabalho conforme seus valores e ideais. Ainda assim, muitos cuidadores ressignificam essas dificuldades, encontrando no cuidado um sentido existencial e humano, que sustenta sua permanência e comprometimento com a profissão

Quadro 5 – Categoria intermediária II: Formação profissional

Categorias iniciais	Conceito norteador	Categoria intermediária
Aprendizagem na prática	Refere-se ao processo contínuo de construção de saberes que ocorre no cotidiano do trabalho.	II. Formação profissional
Formação técnica	Diz respeito à qualificação profissional adquirida por meio de cursos e treinamentos específicos.	

Fonte: elaborado pela autora.

A segunda categoria intermediária é denominada “**Formação profissional**”, pois resulta da derivação das categorias iniciais “Aprendizagem na prática” e “Formação técnica”. Essa categoria expressa como os cuidadores constroem seus saberes no cotidiano de trabalho, conciliando o aprendizado empírico com o conhecimento técnico, e como essa formação influencia o modo de cuidar. Essa diversidade formativa evidencia uma lacuna na profissionalização da área. O saber empírico é construído na convivência com os idosos e valorizado pelos próprios profissionais, mas a ausência de certificação limita o reconhecimento institucional e o acesso a melhores condições de trabalho.

Constata-se que o trabalho do cuidador de idosos é marcado por um processo constante de aprendizagem na prática, muitas vezes decorrente da ausência de uma formação técnica sólida ou específica. Grande parte dos profissionais aprende observando, experimentando e trocando experiências com colegas mais antigos, o que caracteriza o que Tardif (2002) denomina de saberes experienciais, construídos no fazer e incorporados à identidade profissional. Essa aprendizagem cotidiana permite que o cuidador desenvolva estratégias próprias para lidar com as demandas e as singularidades de cada idoso.

Entretanto, os resultados demonstram que a falta de formação técnica adequada pode gerar insegurança e limitar o domínio de procedimentos que exigem conhecimento especializado, como mobilização, higiene e administração de medicamentos. Isso precisa ser considerado de forma séria, pois Dejours (1992) alerta que lacunas no trabalho podem ser fontes de sofrimento quando o trabalhador percebe que não dispõe de recursos e conhecimentos para realizar o cuidado conforme o esperado. Ainda assim, o aprendizado prático atua como compensação e fortalece o sentimento de competência e pertencimento ao grupo de trabalho.

Quadro 6 – Categoria intermediária III: Características do trabalho como cuidador

Categorias iniciais	Conceito norteador	Categoria intermediária
Rotina exaustiva	Refere-se às experiências cuidando de parentes mais velhos que tiveram problemas de saúde.	III. Características do trabalho como cuidador de idosos
Trabalho multitarefa	Diz respeito à demanda por múltiplas tarefas para cuidar dos idosos.	
Atenção simultânea	Denota a necessidade de estar atento a diferentes demandas ao mesmo tempo.	
Demanda física	Indica o esforço corporal exigido no cuidado diário, envolvendo atividades repetitivas e posturas que demandam força e resistência.	

Demanda psicológica	Refere-se ao desgaste emocional causado pela responsabilidade constante, da convivência com o sofrimento.	III. Características do trabalho como cuidador de idosos
----------------------------	---	---

Fonte: elaborado pela autora.

A terceira categoria intermediária é denominada “**Características do trabalho como cuidador**”. O ofício do cuidador de idosos exige esforço físico e equilíbrio emocional, uma vez que envolve atividades como higiene, alimentação, mobilização e acompanhamento constante dos idosos. Essas demandas cotidianas requerem atenção, paciência e sensibilidade, pois o cuidar ultrapassa a execução mecânica de tarefas. De acordo com Morin (2001), o sentido do trabalho está relacionado à percepção de que a atividade é útil e significativa; assim, o cuidador encontra na dedicação ao outro uma forma de realização pessoal e social.

Além do aspecto técnico, o trabalho é permeado por dimensões afetivas e éticas, que influenciam o modo como o cuidador se relaciona com os idosos e com o próprio fazer profissional. Conforme Bendassolli (2011), o significado do trabalho se constrói na interação entre o sujeito e o contexto social, e no caso dos cuidadores, essa relação é intensamente marcada pela empatia e pelo compromisso com o bem-estar humano. Contudo, as condições de trabalho — como sobrecarga, falta de reconhecimento e escassez de recursos — podem gerar tensão e desgaste emocional.

Ainda assim, permanecem na profissão por sentirem que seu trabalho é importante e faz diferença na vida dos idosos, demonstrando compromisso e dedicação mesmo diante do esgotamento cotidiano. Isso vem ao encontro do que diz Dejours (1992), o sofrimento no trabalho ocorre quando há um descompasso entre o desejo de bem cuidar e as limitações impostas pela organização laboral, afirma o autor. Portanto, muitos cuidadores transformam essas adversidades em fonte de sentido, percebendo no cuidar uma dimensão existencial e transformadora, que dá significado à própria vida. Por conseguinte, as características do trabalho como cuidador revelam uma prática complexa, que combina esforço físico, envolvimento emocional e compromisso ético.

Quadro 6 – Categoria intermediária IV: Características do ambiente de trabalho

Categorias iniciais	Conceito norteador	Categoria intermediária
Escassez de recursos e suporte	Diz respeito à falta de materiais, pessoal e condições adequadas de trabalho.	IV. Características do ambiente de trabalho
Dilemas éticos	Envolve os conflitos entre o cuidado humanizado desejado e as regras institucionais que restringem suas ações com os idosos.	

Fonte: elaborado pela autora.

A quarta categoria intermediária é denominada “**Características do ambiente de trabalho**”, pois resulta da derivação das categorias iniciais “escassez de recursos e suporte institucional” e “dilemas éticos”. O ambiente de trabalho nas instituições de longa permanência é frequentemente marcado por escassez de recursos humanos e materiais, o que gera sobrecarga e dificulta a oferta de um cuidado integral. Essa realidade limita a autonomia e a capacidade do cuidador de executar o trabalho conforme seus valores e padrões de qualidade. Segundo Dejours (1992), quando o trabalhador é impedido de realizar bem o seu ofício, instala-se o sofrimento, uma vez que o trabalho deixa de ser fonte de reconhecimento e passa a ser vivido como frustração.

Além das limitações estruturais, observa-se a falta de suporte institucional e reconhecimento profissional, fatores que enfraquecem o sentimento de pertencimento e valorização. Para Antunes (2009), o contexto de precarização do trabalho contemporâneo

intensifica as exigências e reduz o apoio organizacional, o que impacta diretamente o bem-estar do trabalhador. Nesse cenário, emergem também dilemas éticos, quando o cuidador precisa escolher entre seguir normas institucionais ou atender às necessidades singulares do idoso. Conforme Morin (2001), o sentido do trabalho está ligado à coerência entre o que se faz e o que se acredita, e quando essa coerência é rompida, há sofrimento moral e perda de sentido.

Assim, o ambiente de trabalho do cuidador revela-se como um espaço de contradições: ao mesmo tempo em que proporciona experiências de solidariedade e realização pessoal, também impõe limites, pressões e tensões éticas. Conforme Bendassolli (2011), o significado do trabalho é produzido na relação entre o indivíduo e o contexto organizacional, de modo que transformar as dificuldades em aprendizado e propósito torna-se essencial para preservar o sentido do cuidar.

Quadro 7 – Categoria intermediária V: Significados do trabalho

Categorias iniciais	Conceito norteador	Categoria intermediária
Reconhecimento familiar parcial	Diz respeito à dualidade em ora receber gratidão e valorização dos familiares dos idosos ora não.	V. Significados do trabalho
Falta de compensação justa	Expressa a sensação de desvalorização salarial diante do baixo retorno financeiro pelo trabalho realizado.	
Desvalorização social	Envolve a percepção de que o trabalho de cuidar é pouco reconhecido e valorizado pela sociedade.	

Fonte: elaborado pela autora.

A quinta categoria intermediária é denominada “**Significados do trabalho**”, pois resulta da derivação das categorias iniciais “valorização do trabalho” e “importância social do cuidar”. Essa categoria expressa o significado do trabalho para o cuidador de idosos está ligado à percepção de utilidade, reconhecimento e contribuição social. Muitos profissionais afirmam sentir-se valorizados ao perceberem que seu trabalho faz diferença na vida dos idosos e de suas famílias. Segundo Morin (2001), o trabalho adquire significado quando é compreendido como algo útil, reconhecido e alinhado aos valores pessoais do indivíduo. Dessa forma, o cuidador encontra no ato de cuidar uma forma de pertencimento e de afirmação de sua importância social.

Além do reconhecimento externo, o significado do trabalho também é construído a partir da vivência afetiva e simbólica do cuidado. Para Bendassolli (2011), o significado decorre da interação entre a subjetividade do trabalhador e o contexto em que ele atua, sendo resultado das experiências, emoções e relações vivenciadas no cotidiano laboral. Assim, o cuidar torna-se uma prática carregada de sentido humano, que reafirma a dignidade tanto de quem cuida quanto de quem é cuidado.

Conforme Dejours (1992), o trabalho se torna fonte de prazer e identidade quando permite ao sujeito expressar sua criatividade e ver reconhecido o valor de seu esforço. Mesmo diante da sobrecarga e da falta de recursos, muitos cuidadores mantêm o significado de seu trabalho por compreenderem que ele é essencial para o bem-estar e a qualidade de vida dos idosos. Nessa perspectiva, o significado do trabalho se manifesta como uma construção simbólica e emocional, sustentada pelo compromisso ético e pelo desejo genuíno de cuidar do outro.

A sexta categoria intermediária é denominada “**Sentidos do trabalho**”, com sua derivação explicada no Quadro 8, pois resulta de quatro categorias iniciais “vínculo afetivo”, “transformações pessoais e crescimento humano”, “exaltação de sentimentos nobres” e “o cuidar como missão”. O sentido do trabalho está fortemente associado à possibilidade de contribuir para o bem-estar do outro, transformando o cuidado em um gesto de solidariedade e empatia. Muitos cuidadores expressam satisfação e orgulho em ver os idosos bem cuidados, o

que reforça o sentimento de utilidade e pertencimento. Segundo Morin (2001), o sentido do trabalho emerge quando o indivíduo reconhece a importância do que faz e percebe que sua atividade tem impacto positivo na vida das pessoas e na sociedade.

Quadro 8 – Categoria intermediária VI: Sentidos do trabalho

Categorias iniciais	Conceito norteador	Categoria intermediária
Vínculo afetivo	Indica a relação de carinho e a proximidade criada entre cuidadoras e idosos.	VI. Sentidos do trabalho
Transformações pessoais e crescimento humano	Aborda o aprendizado e o amadurecimento que surgem da convivência, e de experiências vividas no cuidado diário.	
Exaltação de sentimentos nobres	Representa a expressão de afeto, empatia, dedicação e amor na experiência laboral com idosos.	
O cuidar como missão	Trata do cuidado como um propósito de vida, marcado por dedicação e sentimento de vocação.	

Fonte: elaborado pela autora.

Além disso, o sentido do trabalho está relacionado à identificação pessoal e emocional com o cuidar, que confere valor simbólico e afetivo à profissão. Para Bendassolli (2011), o significado do trabalho é construído na interação entre a subjetividade do trabalhador e o contexto social, sendo influenciado pelas relações interpessoais, pelo reconhecimento e pela vivência de gratificação. Mesmo em meio a condições adversas, o cuidador encontra sentido quando percebe que seu trabalho promove dignidade, conforto e afeto aos idosos. Irma afirma: *“O mais difícil é lidar com a perda, porque a gente se apega e logo eles falecem”*. Ester denuncia: *“Na carteira era registrada como cozinheira, mesmo nunca tendo cozinhado”*. Carla relata: *“É impossível não se emocionar, porque a gente é ser humano”*.

Assim, o sentido do trabalho é sustentado pela dimensão ética e existencial do cuidado, em que o fazer profissional se conectar com valores de compaixão e solidariedade. Conforme Dejours (1992), o trabalho pode ser fonte de prazer e realização quando permite ao sujeito afirmar sua identidade e sentir-se reconhecido. Nesse contexto, o cuidar torna-se mais que uma ocupação: é uma forma de expressão de humanidade, em que o trabalhador encontra propósito e significado na relação com o outro.

4.3 Categorias Finais

A análise categorial, conforme Bardin (2016) amparado em Silva e Fossá (2015), permitiu a construção de um percurso interpretativo que partiu das unidades de registro (falas dos participantes), passou pela codificação e categorização, e culminou na formulação de núcleos de sentido.

Esse processo revelou que o trabalho do cuidador de idosos é atravessado por múltiplas dimensões: afetiva, ética, existencial, institucional e política. Assim, chegou-se às duas categorias finais: (i) a trajetória profissional dos cuidadores de idosos, englobando quatro categorias intermediárias no processo de derivação categorial e (ii) o cuidar como sentido existencial, derivado de duas categorias intermediárias.

No Quadro 9, observam-se as seis categorias intermediárias que originam as duas categorias finais. A primeira categoria final “Trajetória profissional dos cuidadores de idosos” engloba o processo de derivação das categorias intermediárias: “Motivação para trabalhar”; “Formação profissional”; “Características do trabalho como cuidador de idosos”; “Características do ambiente de trabalho”. Enquanto isso, a categoria final “O cuidar como

sentido existencial” deriva das categorias intermediárias: “Significados do trabalho” e “Sentidos do trabalho”.

Quadro 9 – Categorias finais

Categorias intermediárias	Conceito norteador	Categorias finais
Motivação para trabalhar	Indica que o ingresso na profissão surge a partir de experiências e vivências com familiares.	(i) Trajetória profissional dos cuidadores de idosos
Formação profissional	Revela que a formação técnica é importante, mas o verdadeiro aprendizado surge das convivências e da experiência direta.	
Características do trabalho como cuidador de idosos	Expressa a rotina intensa, marcada por exigências físicas, emocionais e cognitivas.	
Características do ambiente de trabalho	Denota aspectos como escassez de recursos, sobrecarga de tarefas e dilemas éticos, refletindo as condições precárias em que o cuidado é realizado.	
Significados do trabalho	Está associado à (des)valorização social e ao reconhecimento familiar e institucional.	(ii) O cuidar como sentido existencial
Sentidos do trabalho	Emerge do vínculo afetivo e da entrega emocional ao ato de cuidar.	

Fonte: elaborado pela autora.

A análise dos dados revelou que o trabalho dos cuidadores de idosos em instituições de longa permanência em Santana do Livramento é atravessado por múltiplas dimensões — afetiva, ética, existencial e estrutural — que se entrelaçam na construção dos sentidos atribuídos ao cuidar. As narrativas evidenciam que, embora marcado por sobrecarga, informalidade e desafios emocionais, o cuidado é vivido como missão, vínculo e transformação. A afetividade emerge como eixo central, sustentado o compromisso dos profissionais mesmo diante da invisibilidade institucional. Ao articular os relatos empíricos às categorias analíticas, compreende-se que o cuidar não é apenas uma prática assistencial, mas um espaço de resistência, reconhecimento simbólico e construção de humanidade. Isso fica evidente na interpretação final de cada categoria derivada do processo analítico.

4.3.1 A trajetória profissional dos cuidadores de idosos

O ingresso na profissão de cuidador é marcado por uma ambiguidade entre a necessidade econômica e a afinidade afetiva. Muitos participantes relatam que começaram por acaso, mas permaneceram por identificação com o ato de cuidar. Flávia, por exemplo, afirma: “Comecei no asilo como cozinheira e depois virei cuidadora”, revelando uma transição espontânea que se consolidou ao longo de 33 anos de atuação. Bruno compartilha: “Comecei cuidando da minha mãe”, evidenciando como o cuidado familiar pode se transformar em prática profissional.

Essa categoria revela que o trabalho do cuidador não é fruto de uma escolha planejada, mas de um entrelaçamento entre circunstâncias e vocação. A trajetória é construída na intersecção entre o afeto e a urgência, entre o imprevisto e o compromisso. O cuidar emerge como resposta ética à vulnerabilidade do outro, mas também como alternativa de sobrevivência em contextos de escassez de oportunidades. Essa dualidade confere ao trabalho uma densidade simbólica que ultrapassa o campo ocupacional.

Além disso, em suas trajetórias, os cuidadores enfrentam desafios físicos, emocionais e institucionais que evidenciam a complexidade e a dureza do dia-a-dia desse trabalho. O luto, a sobrecarga e a negligência familiar são fontes de sofrimento. Isso dialoga diretamente com Dejour (2011), para quem o trabalho é um espaço onde o prazer e a dor coexistem, sendo o sofrimento especialmente intenso quando o colaborador se envolve afetivamente com o outro. Esse equilíbrio frágil e perceptível nas falas de Irma afirma: *“o mais difícil é lidar com a perda, porque a gente se apega e logo eles falecem”*. Carla reconhece que *“é impossível não se emocionar, porque a gente é ser humano”*. Além disso, a falta de reconhecimento formal e as condições precárias de trabalho reforçam a invisibilidade social da profissão, mesmo diante de sua importância para a dignidade dos idosos.

Apesar das barreiras sociais e institucionais, o cuidar é vivido como gesto de amor, empatia e solidariedade, dimensão que se aproxima de Boff (1999), que descreve como ausência ética e humanizadora do cuidado, um ato que reconhece a fragilidade do outro, mobiliza uma resposta afetiva e compassiva. Os relatos revelam que, mesmo diante da precarização, o trabalho é sustentado por vínculos afetivos e pelo reconhecimento simbólico dos idosos, isso vai de encontro com Dejours (2011), para quem o prazer no trabalho emerge justamente do reconhecimento, especialmente quando este vem daqueles que recebem o cuidado. Isso fica evidente quando Flavia declara: *“É um trabalho de amor, não só de dinheiro”*. Bruno complementa: *“É gratificante ver o sorriso deles”*. O mesmo é melhor detalhado na segunda categoria final a seguir.

Logo, os resultados evidenciaram que o trabalho de cuidar de idosos em instituições de longa permanência é marcado por profunda complexidade emocional e social. As falas dos participantes revelam uma profissão sustentada pela afetividade, pela empatia e pelo compromisso ético, mas também permeada por sobrecarga, invisibilidade e carência de reconhecimento institucional. Isso se corrobora com autor Antunes (2009), a desvalorização estrutural do trabalho de cuidado evidencia as desigualdades sociais e de gênero que ainda marcam o mundo do trabalho contemporâneo.

Entretanto, o que se observa nas falas é que, mesmo diante dessas limitações, o cuidado é vivido como ato ético e humano, carregado de amor, empatia e esperança. Esses resultados dialogam com Frankl (2005) e Boff (1999), cuidar significa dar sentido à existência por meio da relação com o outro. Assim, o trabalho de cuidar de idosos torna-se uma prática de solidariedade e humanização, na qual o trabalhador encontra, na sua entrega, o significado de sua própria vida.

4.3.2 O cuidar como sentido existencial

Essa categoria mostra que o reconhecimento não se dá apenas por meio de salários ou títulos, mas pela reciprocidade afetiva e pela percepção de que se está fazendo diferença na vida do outro. O trabalho é carregado de significados simbólicos que compensam, em parte, a ausência de valorização institucional. O amor pelo que se faz e o retorno emocional recebido dos idosos funcionam como motores de permanência e resistência. O cuidar, nesse sentido, é uma prática que se sustenta na ética da presença e na gratidão compartilhada. O trabalho com idosos transforma o cuidador, promovendo amadurecimento emocional, ressignificação de valores e construção de sentido. O cuidar não é apenas uma função técnica, mas uma experiência que modifica a subjetividade do profissional.

Logo, essa categoria final aponta para o cuidado como prática existencial, como espaço de aprendizado ético e de reconhecimento da própria vulnerabilidade. Ao lidar com o envelhecimento, a dependência e a finitude, os cuidadores desenvolvem uma escuta mais atenta, uma presença mais efetiva e uma compreensão mais profunda da vida. O trabalho se torna lugar

de transformação, onde o profissional se reconhece no outro e constrói uma identidade pautada na empatia e na compaixão.

Verificou-se que o significado do trabalho está relacionado à percepção de utilidade e à gratidão recebida dos idosos, o que constitui uma forma de reconhecimento simbólico conforme afirma Dejours (2011). Já o sentido do trabalho, corroborando com Morin (2001) e Frankl (2005), emerge da identificação pessoal e da compreensão do cuidar como missão e propósito de vida. Esses dois eixos – o significado e o sentido – se entrelaçam e conferem legitimidade à prática profissional, transformando o cotidiano dos cuidadores em uma experiência de amor e aprendizado.

Assim, a análise dos dados demonstrou que o trabalho de cuidador de idosos não se limita à execução de tarefas, mas constitui uma vivência subjetiva e existencial, onde o afeto, o reconhecimento e a solidariedade se convertem em fontes de sentido. Apesar das condições adversas destacadas por Antunes (2009) e da falta de valorização formal, o cuidado permanece como espaço de resistência e humanização, no qual o trabalhador encontra um modo singular de viver sua própria humanidade. Esses achados se coadunam com autor Boff (1999), cuidar é um gesto ético que reconhece a fragilidade e o valor do outro, tornando-se também um ato espiritual e transformador.

Além disso, a análise dos dados permitiu compreender que o trabalho de cuidador de idosos é permeado por contradições e ambivalências. De um lado, o prazer, o afeto e o sentimento de utilidade; de outro, a sobrecarga, a invisibilidade e a falta de reconhecimento formal. Esses achados se coadunam com autor de Morin (2001), o sentido do trabalho emerge quando o indivíduo reconhece o valor de sua contribuição e encontra, no exercício de sua atividade, um propósito pessoal. Isso vai de encontro com o que diz Dejours (2011), o prazer e o sofrimento coexistem no trabalho, sendo o reconhecimento simbólico – principalmente o vindo dos idosos – o que transforma o sofrimento em prazer e o trabalho em experiência significativa, afirma o autor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral compreendeu-se os sentidos e os significados do trabalho de cuidadores de idosos que atuam em instituições de longa permanência no município de Santana do Livramento. Por meio da abordagem qualitativa e da análise de conteúdo, foi possível interpretar as experiências, percepções e vivências desses profissionais, revelando dimensões que ultrapassam o âmbito técnico e se manifestam em aspectos afetivos, éticos e existenciais. Concluiu-se que o significado do trabalho para esses profissionais está profundamente relacionado à percepção de reconhecimento e à importância de se sentir útil na vida do outro. Já os sentidos do trabalho surgem do envolvimento afetivo e da compreensão de que o ato de cuidar transforma tanto quem recebe quanto quem oferece o cuidado. Essa relação de troca confere dignidade e valor humano à profissão, demonstrando que o cuidado é, ao mesmo tempo, um ato técnico e um gesto ético e emocional.

O primeiro objetivo específico era analisar a trajetória de trabalho desses profissionais e como ela se conecta com a percepção de sentido do trabalho. A trajetória deles inicia, em muitos casos, de forma não planejada, marcada por oportunidades ocasionais ou pela influência de vínculos familiares e afetivos, que despertaram o interesse em cuidar. Alguns começaram ajudando parentes ou conhecidos, enquanto outros ingressaram no trabalho em instituições de longa permanência sem formação específica, aprendendo na prática o cotidiano do cuidar. Com o passar do tempo, essa experiência foi se transformando em um espaço de construção de identidade profissional, em que o cuidar passou a ser percebido não apenas como uma função, mas como um chamado ético e humano.

Já o segundo objetivo específico foi observar como os cuidadores se envolvem com as atividades de cuidado no dia a dia. Observou-se que o envolvimento com o trabalho de cuidar de idosos vai além da execução de tarefas: trata-se de um ato profundamente humano, capaz de gerar sentido, fortalecer vínculos e transformar vidas. Ao cuidar do outro, o cuidador também cuida de si, ressignificando sua existência e reafirmando o valor da empatia, da paciência e da compaixão como pilares da convivência humana.

Por último, o terceiro objetivo específico era identificar os principais desafios enfrentados por esses trabalhadores no exercício de suas funções. Identificou-se também que, apesar da satisfação emocional que o trabalho oferece, os cuidadores enfrentam condições laborais desafiadoras, marcadas pela sobrecarga física e emocional, baixa valorização e ausência de reconhecimento institucional. Ainda assim, encontram na afetividade e na gratidão dos idosos a força necessária para seguir desempenhando suas funções com dedicação e empatia. Essa realidade evidencia uma contradição entre o prazer de cuidar e o sofrimento provocado pelas limitações estruturais do ambiente de trabalho.

Como contribuições teóricas e práticas, os resultados apontam, ainda, para a necessidade de maior valorização social e institucional dos cuidadores de idosos. Torna-se urgente o reconhecimento dessa atividade como essencial à manutenção da vida e da dignidade das pessoas idosas, por meio de políticas públicas que garantam melhores condições de trabalho, formação continuada e remuneração compatível com a responsabilidade que exercem.

Como limitação da pesquisa, destaca-se a dificuldade em aprofundar determinados aspectos subjetivos durante as entrevistas, uma vez que a maioria delas teve duração reduzida e ocorreu em momentos de pausa no trabalho, o que restringiu a exploração de temas mais sensíveis. Por essa razão, foi utilizado o diário de campo como complemento, permitindo registrar observações, expressões e atitudes significativas que enriqueceram a análise. No entanto, as narrativas coletadas oferecem um panorama representativo das realidades vividas pelos cuidadores de idosos em instituições de longa permanência, contribuindo para a reflexão sobre a importância do cuidado na sociedade contemporânea.

Para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação do número de participantes, a inclusão de diferentes tipos de instituições e a realização de estudos comparativos entre cuidadores formais e informais, a fim de aprofundar a compreensão sobre o sentido e o significado do trabalho nessa área. Também seria relevante investigar as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos cuidadores para lidar com o sofrimento emocional e a sobrecarga, aprofundando a compreensão do cuidado como prática de resiliência, afeto e sentido existencial.

Além dos cuidadores que atuam de forma profissional nas instituições, é fundamental reconhecer também o papel dos familiares que assumem o cuidado de idosos em seus lares, muitas vezes de maneira solitária, contínua e sem preparo técnico. Esses cuidadores informais enfrentam desafios semelhantes ou até mais intensos, como sobrecarga física e emocional, conflitos familiares, dificuldades financeiras e impacto direto em sua saúde mental. Embora o cuidado familiar seja frequentemente visto como uma obrigação moral ou afetiva, ele também envolve trabalho, responsabilidades e renúncias pessoais, sendo igualmente produtor de sentido, sofrimento e ressignificações existenciais. Dessa forma, torna-se imprescindível que políticas públicas e ações institucionais também voltem seu olhar para esses cuidadores, oferecendo suporte psicológico, orientação técnica e redes de apoio.

Por fim, este estudo evidencia que o trabalho das cuidadoras de idosos vai muito além da execução de tarefas. Ele envolve sentimentos, vínculos e aprendizagens que transformam tanto quem cuida quanto quem é cuidado. Compreender o sentido e o significado desse trabalho é reconhecer sua relevância social e humana, e valorizar profissionais que, com dedicação e empatia, contribuem para a dignidade e o bem-estar de pessoas em situação de vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA – ANVISA. **Resolução de Diretoria Colegiada – RDC nº 502, de 27 de maio de 2021.** Dispõe sobre o funcionamento das instituições de longa permanência para idosos, de caráter residencial. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 28 maio de 2021. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2020/rdc0502_27_05_2021.pdf. Acesso em: 28 maio 2025.
- ALMEIDA, H. F. R.; PACHECO, M. A. B.; LEITE, L. M. C.; SANTOS, R. D. C. dos.; LOYOLA, C. M. D. Narratives of pleasure and suffering at work: impacts on worker health. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 6, 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.** Dispõe sobre o estatuto do idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 3 out. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 28 de maio de 2025.
- BRASIL. **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994.** Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial Da União: Seção 1, Brasília, DF., 5 jan. 1994. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acesso em: 28 de maio de 2025.
- CAMARANO, A. A. **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros.** Rio de Janeiro: IPEA, 1999.
- CHAIMOWICZ, F.; CHAIMOWICZ, G.F. O Envelhecimento Populacional Brasileiro. **Pista: Periódico Interdisciplinar Sociedade Tecnologia Ambiente.** Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 6-26, ago. /nov. 2022.
- COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração.** Porto Alegre: Bookman, 2005.
- DEJOURS, C. A. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- DEJOURS, C. A. **A banalização da injustiça social.** 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- DEJOURS, C. A. Sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho. **Rev. Port. Psicanál.**, v. 33, n. 2, p. 9-28, 2013.
- DOS SANTOS SILVA, A.; PORATH AZEVEDO FASSARELLA, B.; DE SÁ FARIA, B.; MOREIRA EL NABBOUT, T. G.; MOREIRA EL NABBOUT, H. G.; DA COSTA D’AVILA, J. Envelhecimento populacional: realidade atual e desafios. **Global Academic Nursing Journal**, v. 2, n. 2, p.1-7, 2021.
- FERREIRA, V.H.S.; LEÃO, L. R.; FAUSTINO, A.M. Ageismo, políticas públicas voltadas para a população idosa e participação social. **REAS/EJCH**, v. 42, n. 1, p. 1–8, 2020.

- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FREITAS, A.V.S.; NORONHA, C.V. Elderly people in long-term institutions: speaking about care. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v. 14, n. 33, p.359-69, abr./jun. 2010.
- GONÇALVES, A.; ALVES, L. C. Idade prospectiva e as novas medidas de envelhecimento populacional: indicadores para o Brasil e suas cinco regiões. **Rev. Bras. Estud. Popul.**, v. 41, n. 1, p.1-24, 2024.
- GUIMARÃES, M. R. C.; GIACOMIN, K. C.; FERREIRA, R. C.; VARGAS, A. M. D. Avaliação das Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil: um panorama das desigualdades regionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 7, p. 2221-2232, jul. 2023.
- HANASHIRO, D.M.M.; PEREIRA, M.F.M.W.M. O etarismo no local de trabalho: evidências de práticas de “saneamento” de trabalhadores mais velhos. **RGO - Revista Gestão Organizacional**, Chapecó, v. 13, n. 2, p. 188-206, maio/ago. 2020.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama do Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama> Acesso em: 28 maio 2025.
- LIMA, N. A. de.; SCATOLIN, H. G. Os mecanismos de defesas do trabalhador na visão da psicodinâmica do trabalho. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, 2020, v. 5, n. 17, p. 153-173, 2020.
- MEIHY, J. C. S. B. História oral: a interlocução necessária com Daphne Patai. **Oralidades**, v. 5, n. 10, p. 09-17 jul. /dez. 2011.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Cuidar de idosos**: possibilidades e limites do trabalho domiciliar. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.
- MOREIRA, W. C. S.; CALDAS, C. P. O cuidador de idosos: reflexões sobre a prática. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 150–157, jan./mar. 2007.
- MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-19, jul./set. 2001.
- MREJEN, M.; NUNES, L.; GIACOMIN, K. **Envelhecimento populacional e saúde dos idosos**: o Brasil está preparado? Estudo Institucional, n. 10. São Paulo: Instituto de Estudos para Políticas de Saúde, 2023. Disponível em: <https://ieps.org.br/wp-content/uploads/2023/10/Estudo-Institucional-10.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- NOGUEIRA SILVA, P.L.; SANTOS, C.L.S.; GALVÃO, A.P.F.C.; OLIVEIRA, V.V.; ALVES, C.R. Sobrecarga de trabalho em cuidadores de idosos frágeis: revisão integrativa. **Nursing**, Edição Brasileira, v. 24, n. 275, p. 5566–558, 2021.

PEDROSA, B. S.; POCINHO, R.F.S.; MARGARIDO, C.A.F.F.R. FINCIAS, P.T. Do envelhecimento demográfico à institucionalização. **RIAGE - Revista Ibero-Americana de Gerontologia**, v. 5, n. 1, p. 38-48, 2024.

PIRES, R.V. MACEDO, K. B. Labor e muito amor: mobilização subjetiva do trabalho docente. **Revelli**, v. 12, p. 1-15, 2020.

POLIDORO, E.F.; ANDRADE, V.L.P. Os sentidos e significados do trabalho e a saúde mental: impactos da jornada de trabalho nesta relação. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 6, n. 11, p. 645-665, jul./dez. 2024.

QUEIRÓS, L. R. M.; FIGUEIREDO, B. Q.; OLIVEIRA, R. C. Analysis of the high rate of depression in institutionalized elderly: an integrative literature review. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 10, p. e318111032943, 2022.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, v. 17, n. 1, p. 1-14, 2015.

SILVA, E.P.L. **Contextos de institucionalização da velhice e representações sociais da morte**: a perspectiva de idosos institucionalizados. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

SOUSA FILHO, A. E. de NASCIMENTO, F. G. L. do.; CARVALHO, A. F. M. de.; AMORIM, D. N. P.; BORGES, F. L. da R. Long-stay institutions for the elderly: a review. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 15, p. e531111537573, 2022.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**. São Paulo, v. 19, ed. esp. 1, p. 38-46, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNITED NATIONS DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS. **Population Division World Population Prospects 2022**: Summary of Results. United Nations, 2022.

VASCONCELOS, A.M.N.; GOMES, M.M.F. Transição demográfica: a experiência brasileira. **Epidemiol. Serv. Saúde**, v.21, n. 4, p.539-48, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Aging and health**: key facts, 2024. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>. Acesso em: 27 maio 2025.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Tema: O sentido e o significado do trabalho de cuidadores de idosos em instituições de longa permanência

Idade:

Gênero:

1. Há quanto tempo você trabalha como cuidador (a) de idosos?
2. Como começou a atuar nessa área?
3. O que te motivou a seguir essa profissão?
4. Você tem alguma formação específica para o cuidado com idosos?
5. Como é a sua rotina de trabalho?
6. Quais são os maiores desafios que você enfrenta no dia a dia?
7. E quais são as partes mais gratificantes do seu trabalho?
8. Como você se relaciona com os idosos sob seus cuidados?
9. Você já criou laços afetivos com algum idoso? Pode contar um pouco?
10. O que significa, para você, ser cuidador(a) de idosos?
11. Você se sente valorizado(a) pela instituição onde trabalha?
12. E pela sociedade em geral, você acredita que reconhecem seu trabalho?
13. Trabalhar com idosos mudou algo em você como pessoa?
14. O que você aprendeu com essa profissão?
15. Você pretende continuar trabalhando como cuidador (a)? Por que?
16. Como você percebe a relação das famílias com os idosos internados na instituição?

APÊNDICE B – QUADRO RELACIONAL DOS OBJETIVOS COM AS PERGUNTAS DO INSTRUMENTO DE COLETA

1 Analisar a trajetória de trabalho desses profissionais e como ele se conecta com a percepção do sentido do trabalho	
	1.1 Há quanto tempo você trabalha como cuidadora de idosos? 1.2 Como começou a atuar nessa área? 1.3 Como é a sua rotina de trabalho? 1.4 O que te motivou a seguir essa profissão? 1.4 Você tem alguma formação específica para o cuidado com idosos? 1.5 O que significa, para você, ser cuidador(a) de idosos? 1.6 Você se sente valorizado(a) pela instituição onde trabalha? 1.7 E pela sociedade em geral, você acredita que reconhecem seu trabalho? 1.8 Trabalhar com idosos mudou algo em você como pessoa? 1.9 Você pretende continuar trabalhando como cuidador (a)? Por que?
2 Observar como os cuidadores se envolvem com as atividades de cuidado no dia a dia	
	2.1 E quais são as partes mais gratificantes do seu trabalho? 2.2 Como você se relaciona com os idosos sob seus cuidados? 2.3 Você já criou laços afetivos com algum idoso? Pode contar um pouco?
3 Identificar os principais desafios enfrentados por esses trabalhadores no exercício de suas funções	
	3.1 Quais são os maiores desafios que você enfrenta no dia a dia? 3.2 Como você percebe a relação das famílias com os idosos internados na instituição? 3.3 O que você aprendeu com essa profissão?